



Nova Era Vocal Ensemble

João Barros, *direção musical*

Bellum

26/07 · sex · 21h30 · Montebelo Mosteiro de Alcobaca
Historic Hotel · Salão da Biblioteca

Apoio:



Parceria:



Programa

Eric Whitacre (1970–)
Three Songs of Faith (1999)
II. Hope, Faith, Live, Love

Seán Doherty (1987–)
Snow Dance for the Dead (2017)

Eurico Carrapatoso (1962–)
O que me diz o vento de Serpa (2000)
1. Sombras

Alfredo Teixeira (1965–)
Quando morre um homem (2018)

James MacMillan (1959–)
A Child's Prayer (1996)

Cláudio Monteverdi (1567–1643)
Lamento della Ninfa (séc. XVII)
Mónica Santos, *ninfa*
Manuel Fontão, *violoncelo*

Álvaro de Campos
Ode Marcial (declamação)

Arnold Schoenberg (1874–1951)
Friede auf Erden (1907)

Pēteris Vasks (1946–)
Three poems by Czesław Miłosz
III Encounter (1994)

Stephen Paulus (1949–2014)
The Road Home (2002)

Ficha artística

João Barros, *direção musical*
Afonso Cardoso, *declamação*

Vera Livério, Laura Martins, Rita Barata, Carolina Sá,
Joana Silva e Leonor Alves, *sopranos*
Rita Meireles, Markéta Chumová, Alexandra Costa, Rita
Filipe, Sarah Keane e Estrela Martinho, *altos*
António Geraldo, Tiago Caldas, Tiago Guedes, Frederico
Projeto, Pedro Miguel e Stephan Barnard, *tenores*
Francisco Cabrita, Diogo Chaves, Miguel Jesus, Henrique
Coelho, João Chaves e Manuel Fontão, *baixos*

Rita Filipe e Afonso Cardoso, *textos*
Diogo Chaves, *traduções*



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Eric Whitacre, *Three Songs of Faith*

Hope, Faith, Life, Love foi escrita em 2010, inicialmente sobre o poema de E. E. Cummings. À medida que refletia sobre o conceito de fé, Eric Whitacre teve necessidade de moldar o poema ao sentimento que encontrou, reduzindo-o às breves palavras que encontramos na peça. Toda a obra acaba por ser uma repetição exponencial. Cada vez que o compositor insere uma nova palavra, escuta-se uma mudança ou na harmonia ou no ritmo desta meditação progressiva.

Seán Doherty, *Snow Dance for the Dead*

É difícil ficar indiferente ao poder da peça *Snow Dance for the Dead* cada vez que a ouvimos. O compositor Séan Doherty utiliza fragmentos do texto de Lola Ridge sobre a Guerra Civil Russa (1917–1922). Foram estes 4 anos de terrível confronto que viram nascer a Cheka — uma das primeiras organizações policiais soviéticas. A Cheka referia-se ao ato de matar com a insensível expressão “NatsoKal”, que imita o som do carregamento e disparo de uma arma. Esta onomatopeia é integrada e alternada com fragmentos do poema *Snow Dance for the Dead* escrito em 1927, que incentiva as crianças a dançar na neve, enquanto esta se acumula ao lado das profundas valas comuns. A neve é representada por delicadas linhas melódicas descendentes que são, ao longo da peça, brutalmente interrompidas pelo som de tiros.

Eurico Carrapatoso, *O que me diz o vento de Serpa*

A melodia de *Sombras* foi retirada do livro *Cantares do povo português* de Rodney Gallop, por ele recolhida nos anos trinta, livro companheiro nesta demanda do graal do povo, do seu sentir, da sua profunda e tão melancólica identidade. É por questões matriciais de identidade, precisamente, que, de todo o conjunto das minhas obras, prezo especialmente as várias harmonizações do nosso cancionero popular que já fiz, faço e sempre farei. É um projecto a que regresso sempre que estou desassossegado. Faz-me bem, aguçando-me o estilo, calibrando-me o ângulo entre a mão e o lápis, oxigenando-me a alma. Nestas harmonizações de música popular de várias origens, do Espinhaço de Cão a Montesinho, passando pela Estrela, do Tuela ao Guadiana, passando pelo Zêzere, cada som é essencial e também testemunha dessa portugalidade filtrada na minha linfa transmontana.

*De noite tudo são sombras,
Eu por elas hei-de andar,
Já que de dia não posso,
Teus carinhos alcançar*

Cá está o alentejano a ciciar-nos ao ouvido o seu anseio interior, o seu enlevo pelo ser amado. Tal como o pirilampo bruxuleia o amor no abandono da noite estival, este pirilampo de Serpa canta-nos a sua versão livre de *We'll meet again, Don't know where, Don't know when, But I know we'll meet in some sunny day*.

Alfredo Teixeira, *Quando Morre Um Homem*

Ruy Belo, nascido em 1933, poeta incontornável da segunda metade do século XX, distante quer dos rigores neorrealistas, quer dos excessos surrealistas, deixou-nos uma poesia paradoxal, habitada pela metafísica e pelo quotidiano. Sobre a sua poesia, António Ramos Rosa escreveu: “A poesia de Ruy Belo é uma incessante reflexão sobre o tempo e a morte e a incerta identidade do sujeito que em vão procura o lugar originário onde se encontraria o ser na sua totalidade.” O poema de Ruy Belo, que está na origem desta obra musical, transporta a memória da morte de um homem, nesse lugar ambíguo, entre a presença e a ausência, entre a persistência do passado e a pergunta sobre o futuro. A obra musical integra-se numa coleção de música vocal reunida sob o título de *Troparium*. Nesta série, as obras incluem sempre um certo trabalho de composição literária, no qual se justapõem e/ou sobrepõem estratos textuais diferentes. Neste caso, a incrustação de um tropo, citando um epitáfio do século III, promove uma leitura por contraste, entre a memória como monumento (“aqui a eterna mansão”) e a memória como enigma (“alguém te dobrará em cada esquina?”). Quando lemos hoje este poema, não deixamos de evocar a própria biografia de Ruy Belo, que morreu precoce e apressadamente, vítima de um edema pulmonar, em 1978.

Alfredo Teixeira

James MacMillan, *Child's Prayer*

Esta obra foi composta em homenagem às vítimas de um trágico tiroteio na escola primária de Dunblane na Escócia, em março de 1996. Os acordes utilizados em forma de lamento, na primeira secção, com um registo grave de todo o coro, carregam o peso dos corações em luto que ficaram. Surgem duas vozes femininas num movimento melódico ascendente representando a alma das crianças assassinadas. Apesar das trágicas circunstâncias deste período, a palavra “Joy” (alegria), que aparece durante o clímax intenso, sugere um otimismo e uma paz reforçados pelo final sereno onde se escuta apenas o dueto feminino.

Claudio Monteverdi, *Lamento della Ninfa*

Lamento della Ninfa está integrado no 8.º Livro de *Madrigais*, uma compilação de 1638 dedicada ao imperador Fernando III, e é um dos mais conhecidos madrigais de Cláudio Monteverdi. O texto está dividido em três partes, sendo que na segunda se escuta a ninfa chorando o seu destino, e nas outras um coro de pastores. O coro, cantado por dois tenores e um baixo, introduz e conclui a pesarosa história da ninfa e intervém também na secção do lamento, comentando com paixão a cena que vê diante de si. Ao contrário das restantes nove peças do livro, em *Lamento della Ninfa* Monteverdi adiciona notas introdutórias, onde especifica como deve ser interpretada a sua peça. Quando se refere ao papel da ninfa, escreve que esta deverá cantar de acordo com os seus sentimentos (*al tempo dell'affetto del animo*), enquanto que os pastores devem respeitar o tempo (*al*

tempo dela mano). Esta particularidade torna o tempo da peça flexível e adaptável ao estado e intenções da soprano.

Álvaro de Campos, *Ode Marcial*

A *Ode Marcial*, de Álvaro de Campos, consiste num conjunto de fragmentos textuais que seriam parte de um projeto de Pessoa para elaborar uma grande ode, como as famosas *Ode Triunfal* e *Ode Marítima*. Este projeto nunca foi, no entanto, concretizado, pelo que nos chegaram apenas os esboços não publicados por Pessoa, nem sequer por ele unificados, deste projeto poético.

Apela aos sentidos e à imaginação por eles despertada. Trata da guerra, das suas pequenas e grandes coisas, e relembra o quanto elas nos dizem respeito.

Afonso Cardoso

Arnold Schönberg, *Friede auf Erden*

Nascido no ano de 1874 em Viena numa família judaica de média classe, Schoenberg foi fundamentalmente autodidata na área da composição, tornando-se num dos mais importantes compositores do século XX. No fim do século XIX Schoenberg converteu-se ao Cristianismo como forma de integração na cultura ocidental europeia, e de defesa pessoal. Em 1933, com a evolução da situação política alemã, foi aconselhado a não regressar, emigrando para os Estados Unidos com sua família. Foi nesse mesmo ano que Schoenberg decide voltar ao Judaísmo como declaração irrevogável da sua posição anti-nazi.

Schoenberg compôs *Friede auf Erden* em 1907, sobre o texto de Conrad Ferdinand Meyer. A peça foi estreada em 1911 depois de vários cancelamentos devido à sua dificuldade de execução. Apesar de nos seus primeiros rascunhos ter escrito para coro *a capella*, Schoenberg viu-se obrigado a criar um acompanhamento orquestral para o concerto de estreia.

A primeira estrofe descreve o nascimento de Jesus, a segunda retrata o massacre da guerra. A terceira e quarta estrofes retomam a ideia de paz e justiça. No final da obra podemos observar um retorno ao tonalismo, preservando uma nota de esperança na comunhão pacífica da humanidade.

Alguns anos após a estreia, não tendo encontrado paz, mas sim ódio e guerra, Schoenberg comenta que *Friede auf Erden* foi uma ilusão criada na sua própria inocência.

“Friede auf Erden was an illusion created in my previous innocence, one created when I still believed such unity was possible”

“Friede auf Erden foi uma ilusão criada na minha inocência, quando ainda acreditava que tal união era possível.”

Pēteris Vasks, *Three poems by Czesław Miłosz*

“I really like Miłosz”, disse Pēteris Vasks, aquando da oportunidade de musicar os poemas do escritor Czesław Miłosz. O poeta Miłosz é uma das figuras centrais da literatura polaca do século XX, agraciado com o prémio Nobel da Literatura em 1980. Todo seu percurso — imigrou para os Estados Unidos por razões políticas pós-2.ª Guerra Mundial — inspiraram a sua obra. Inicialmente, Vasks não sabia se seria melhor compor em letão ou polaco — língua original dos textos. Mas foi a descoberta de uma tradução em inglês que o inspirou para a escrita de *Three Poems*. A nostalgia, o mistério e a tragédia são as palavras-chave dos três números.

Stephen Paulus, *The Road Home*

Stephen Paulus foi desafiado a criar um arranjo para os Dale Warland Singers em 2001. O compositor utiliza a melodia de *The Lone Wild Bird* que encontrou no *The Southern Harmony Songbook* e compõe *The Road Home*. Nesta nova roupagem da melodia do século XIX é utilizado um poema de Michael Dennis Browne, escrito para esta edição. Ao ouvir a melodia, o poeta afirma que a simplicidade da forma das suas palavras tinha de estar presente. Em *The Road Home* encontramos a consolação e o conforto. Para evocar estes sentimentos, o compositor recorre a uma sonoridade pentatónica.

Textos

Three Songs of Faith, II. Hope, Faith, Life, Love

*Hope, Faith, Life, Love,
Dream, Joy, Truth, Soul.*

Snow Dance for the Dead

*Dance, little children,
To the rhythm of the snow.*

O que me diz o vento de Serpa – 1. Sombras

Esperança, Fé, Vida, Amor,
Sonho, Alegria, Verdade, Alma.

Dancem, crianças,
Ao ritmo da neve.

De noite tudo são sombras,
Eu por elas hei-de andar,
Já que de dia não posso,
Teus carinhos alcançar

Quando Morre Um Homem

Quando eu um dia decisivamente voltar a face
daquelas coisas que só de perfil contemplei
quem procurará nelas as linhas do teu rosto?
Quem dará o teu nome a todas as ruas
que encontrar no coração e na cidade?
Quem te porá como fruto nas árvores ou como paisagem
no brilho de olhos lavados nas quatro estações?
Quando toda a alegria for clandestina
alguém te dobrará em cada esquina?
Quando morre um homem.

*Hic sedis, hic terra,
Hic tibi, eterna domus.*

Aqui o assento, aqui a terra,
aqui a eterna mansão – para ti.

Child's Prayer

*Welcome Jesu,
Deep in my soul forever stay.
Joy and love my heart are filling
On this glad communion day.*

Bem-vindo, Jesus, mantém-te
para sempre na profundidade da minha alma.
Alegria e Amor encham o meu coração
Neste feliz dia de Comunhão.

Lamento della Ninfa

Coro

*Non havea Febo ancora reccato al mondo il dì,
Ch'una donzella fuora del proprio albergo uscì;
Sul pallidetto volto scorgease il suo dolor,
Spesso gli veniva sciolto un gran sospir dal cor;
Si calpestando fiori errava hor qua, hor là,
I suoi perduti amori così piangendo va:*

Ninfa

Amor.

Coro

Dicea, il ciel mirando, il piè fermò.

Ninfa

*Amor, dove, dov'è la fé che 'l traditor giurò?
Fa che ritorni il mio amor com'ei pur fu,
ò tu m'ancidi, ch'io non mi tormenti più.
Non vo' più ch'ei sospiri se non lontan' da me,*

Coro

Ainda não tinha Febo (Apolo) trazido o dia ao Mundo
Quando uma donzela saiu de sua casa;
Via-se a dor no seu pálido rosto,
E repetidamente soltava do peito grandes suspiros
Enquanto vagueava, por cá e por lá, pisando flores
E chorando, assim, os seus perdidos amores:

Ninfa

Amor.

Coro

Dizia, olhando os céus, detendo o passo.

Ninfa

Amor, onde está a fidelidade que esse traidor jurou?
Faz com que o meu amor volte como era
Ou mata-me, acaba com os meus tormentos.
Não quero que ele suspire senão longe de mim,

*no, no che i suoi martiri più non dirami, affé.
Perché di lui mi struggo, tutt'orgoglioso sta,
che si, che si se'l fuggo ancor mi pregherà?
Se ciglio ha più sereno colei che 'l mio non è,
già non rinchiude in seno Amor si bella fé.
Né mai si dolci baci da quella bocca avrai,
né più soavi, ah taci, taci, che troppo il sai.*

Coro

*Miserella, ah più, no, tanto gel soffrir non può.
Sì, tra sdegnosi pianti spargea le voci al ciel;
così nei cori amanti mesce amor fiamma e gel.*

Ode Marcial

Não, não me contes mais os seus martírios.
Ao sofrer por ele, que é tão orgulhoso,
Talvez se lhe fugir ainda me seguirá?
Se ela tiver os olhos mais serenos que os meus,
Ele já não mantém no peito o Amor e fidelidade.
Não terás mais doces beijos dessa boca,
Nem mais suaves... Ah cala-te, que sabes demasiado.

Coro

Infeliz, não pode mais suportar tanta frieza.
Entre lágrimas de indignação, subiu a voz ao céu e nos
corações amantes, o amor mistura fogo e gelo.

Inúmero rio sem água — só gente e coisas,
Pavorosamente sem água!

Soam tambores longínquos no meu ouvido,
E eu não sei se vejo o rio se ouço os tambores
Como se não pudesse ouvir e ver ao mesmo tempo!

Helahoho! Helahoho!

A máquina de costura da pobre viúva morta à baioneta
Ela cosia à tarde indeterminadamente...
A mesa onde jogavam os velhos,

Tudo misturado, tudo misturado com os corpos, com
sangues,
Tudo um só rio, uma só onda, um só arrastado horror.

Helahoho! Helahoho!

Desenterrei o comboio de lata da criança calcado no
meio da estrada,
E chorei como todas as mães do mundo sobre o horror
da vida.
Os meus pés panteístas tropeçaram na máquina de
costura da viúva que mataram à baioneta
E esse pobre instrumento de paz meteu uma lança no
meu coração.

Sim, fui eu o culpado de tudo, fui eu o soldado todos eles
Que matou, violou, queimou e quebrou,
Fui eu e a minha vergonha e o meu remorso com uma
sombra disforme
Passeiam por todo o mundo como Ashavero,
Mas atrás dos meus passos soam passos do tamanho
do infinito
E um pavor físico de encontrar Deus faz-me fechar os
olhos de repente.

Cristo absurdo da expiação de todos os crimes e de todas
as violências,
A minha cruz está dentro de mim, hirta, a escaldar, a
quebrar
E tudo dói na minha alma extensa como um Universo.

Arranquei o pobre brinquedo das mãos da criança e
bati-lhe.
Os seus olhos assustados do meu filho que talvez terei e
que matarão também
Pediram-me sem saber como toda a piedade por todos.

Do quarto da velha arranquei o retrato do filho e
rasguei-o,

Ela, cheia de medo, chorou e não fez nada...
Senti de repente que ela era minha mãe e pela espinha
abaixo passou-me o sopro de Deus.

Quebrei a máquina de costura da viúva pobre.
Ela chorava a um canto sem pensar na máquina de
costura.
Haverá outro mundo onde eu tenha que ter uma filha
que enviúve e a quem aconteça isto?

Mandei, capitão, fuzilar os camponeses trémulos,
Deixei violar as filhas de todos os pais atados a árvores,
Agora vi que foi dentro de meu coração que tudo isso se
passou,
E tudo escalda e sufoca e eu não me posso mexer sem
que tudo seja o mesmo.
Deus tenha piedade de mim que a não tive a ninguém!

Friede auf Erden

*Da die Hirten ihre Herde
Ließen und des Engels Worte
Trugen durch die niedre Pforte
Zu der Mutter mit dem Kind,
Fuhr das himmlische Gesind
Fort im Sternenraum zu singen,
Fuhr der Himmel fort zu klingen:
"Friede, Friede! auf der Erde!"
Seit die Engel so geraten,
O wie viele blut'ge Taten
Hat der Streit auf wildem Pferde,
Der geharnischte vollbracht!
In wie mancher heil'gen Nacht
Sang der Chor der Geister zingend,
Dringlich flehend, leis verklagend:
"Friede, Friede... auf der Erde!"
Doch es ist ein ew'ger Glaube,
Daß der Schwache nicht zum Raube
Jeder frechen Mordgebärde
Werde fallen allezeit:
Etwas wie Gerechtigkeit
Webt und wirkt in Mord und Grauen
Und ein Reich will sich erbauen,
Das den Frieden sucht der Erde.
Mählich wird es sich gestalten,
Seines heil'gen Amtes walten,
Waffen schmieden ohne Fährde,
Flammenschwerter für das Recht,
Und ein königlich Geschlecht
Wird erblühn mit starken Söhnen,
Dessen helle Tuben dröhnen:
Friede, Friede auf der Erde!*

Three poems by Czesław Miłosz

*We were riding through frozen fields in a wagon at
dawn.
A red wing rose in the darkness.*

*And suddenly a hare ran across the road.
One of us pointed to it with his hand.*

*That was long ago. Today neither of them is alive,
Not the hare, nor the man who made the gesture.*

Lá os pastores o seu rebanho
deixaram e as palavras do anjo
levadas pelo humilde portão
para a mãe com a criança,
continuaram os seguidores celestiais
no espaço estrelado a cantar,
o céu continuou a ecoar:
"Paz, Paz! na Terra!"
Uma vez que os anjos assim prosperam,
tal como muitos actos sangrentos
tiveram contendas em cavalos selvagens,
cobertos de armadura totalmente arada!
Tal como em algumas noites santas
cantou o coro de espíritos temendo,
implorando urgentemente, acusando serenamente:
"Paz, Paz... na Terra!"
Mas é uma fé eterna
onde os fracos e não os ladrões
a partir de cada gesto homicida destemido
irão sempre cair:
Algo como a justiça
tecido e produzido em assassinato e temor
e um reino quer ser satisfeito,
para que a paz procure a terra.
Gradualmente ganhará forma,
governam eles próprios o seu santo ofício,
forjando armas sem perigo,
espadas de chama pela justiça,
e uma espécie real
começa a florescer com filhos fortes,
cujos tubos brilhantes ressoam:
Paz, paz na Terra!

Atravessávamos campos gelados numa carroça de
madrugada.
Uma asa vermelha ergueu-se na escuridão.

De repente uma lebre atravessou a estrada a correr.
Um de nós apontou para ela com a mão.

Isto foi há muito tempo. Hoje já nenhum deles vive.
Nem a lebre, nem o homem que fez o gesto.

*O my love, where are they, where are they going?
The flash of a hand, streak of movement, rustle of
pebbles.
I ask now out of sorrow, but in wonder.*

The Road Home

*Tell me where is the road
I can call my own,
That I left,
that I lost so long ago?
All these years I have wandered,
oh when will I know,
There's a way,
there's a road that will lead me home?
After wind, after rain,
when the dark is done,
As I wake from a dream
in the gold of day,
Through the air there's a calling
from far away,
There's a voice I can hear
that will lead me home.
Rise up, follow me,
come away is the call,
With love in your heart
as the only song:
There is no such beauty
as where you belong,
Rise up, follow me,
I will lead you home*

Ó, meu amor, onde estão eles, para onde vão?
O aparecer de uma mão, rasgo de movimento, remexer
de pedras.
Pergunto-me agora, não por dor, mas por curiosidade.

Diz-me onde é a estrada
a que possa chamar minha,
Que deixei,
que perdi há tanto tempo?
Vagueei todos estes anos,
oh quando saberei
se há um caminho,
uma estrada, que me leve até casa?
Depois do vento, depois da chuva,
quando a escuridão termina,
enquanto acordo de um sonho
à luz do dia,
ouve-se pelo ar
um chamamento distante,
Consigo ouvir uma voz
que me guiará até casa.
Levantem-se, sigam-me,
é a chamada para partir,
Com Amor no coração
como a única música:
Não há beleza
como a do local onde pertencemos,
Levantem-se, sigam-me,
eu guiar-vos-ei até casa.

Biografias



Nova Era Vocal Ensemble

O Nova Era Vocal Ensemble é um coro composto por 28 cantores, fundado em 2018 pelo maestro João Barros. Ao longo dos

últimos anos o Ensemble estreou obras de compositores como Alfredo Teixeira, Eugénio Rodrigues, Gerson Batista, Georgi Sztojanov, Nuno da Rocha, Hugo Vasco Reis, entre muitos outros.

Recentemente o Nova Era interpretou algumas das mais importantes obras corais como *Le Cantique des Cantiques*, de Daniel Lesur, *Messe pour double chœur*, de Frank Martin, *Messe em Sol Majeur*, de Francis Poulenc, *Canticle of the Sun* de Tõnu Kõrvits, *Friede auf Erden* de Arnold Schoenberg e motetes de J. S. Bach.

Desde 2022 tem vindo a colaborar com as orquestras barrocas Divino Sospiro, sob a direção de Massimo Mazzeo, Americantiga, sob a direção de Ricardo Bernardes e Orquestra 1775, com direção de Nuno Mendes.

Em 2021 e 2022, o coro foi convidado a participar no OperaFest Lisboa, interpretando as óperas *Tosca* e *Madama Butterfly*, de Giacomo Puccini.

Em 2022, o coro recebeu o maestro Daniel Reuss e interpretou o concerto *Motetes Alemães*, no Palácio Nacional de Mafra. Em junho de 2023, recebeu a vencedora do Eric Ericson Award, Krista Audere, para o programa *Light Beams*, no Mosteiro da Batalha.

O Nova Era Vocal Ensemble é o agrupamento principal da Lisbon Choral Conducting Masterclass. Ao longo das várias edições colaborou com os maestros Sigvards Klava, Bernie Sherlock, Josep Vila, Pedro Teixeira, Gonçalo Lourenço, Inês Lopes, entre outros.



João Barros

Mestre em Direção Coral e licenciado em Formação Musical e Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa. Iniciou a sua formação em piano no Conservatório D. Dinis com Elsa Cabral e, em 2012, frequentou o Curso de Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. Em 2013 frequentou, como estudante de Erasmus, o Kodály

Intézet – Hungria, onde estudou direção coral com László Nemes e canto com Renáta Darázs.

Recentemente trabalhou com maestros como Kaspars Putniņš, Neil Ferris, Georg Grün, André van der Merwe e estuda com Daniel Reuss. Como cantor, João tem vindo a colaborar profissionalmente com o Tenso Europe Chamber Choir, Officium Ensemble, Coro Gulbenkian, Ensemble Cupertino e Meestes&Gazellen.

Desde 2018 que é formador de professores e orientador das oficinas “Música na escola”, um programa da Fundação Calouste Gulbenkian, que leva as performances da orquestra Gulbenkian às salas de aula dos alunos do ensino básico.

A convite da companhia World Masters in China realizou masterclasses e workshops para mais de 4000 professores de música e maestros chineses, tendo dirigido mais de 50 coros em Pequim, Shanghai, Hangzhou, Lanzhou, Tsingtao, Jinan e muitas outras cidades chinesas.

Em 2018, João Barros fundou o Nova Era Vocal Ensemble. Em 2019 o ensemble foi congratulado com a medalha de ouro no Festival Coro de Verão e o prémio “Choir of the Choirs” e respetivo primeiro prémio no Festival Vocal Art Choir Competition. Desde então, sob a direção de João Barros o ensemble tem vindo a desenvolver um trabalho profundo na divulgação da música coral contemporânea portuguesa com mais de 20 estreias absolutas. Paralelamente, o Nova Era tem vindo a colaborar com algumas das mais importantes orquestras barrocas portuguesas, tais como Divino Sospiro, Americantiga Ensemble e Orquestra 1775, e tem-se apresentado regularmente em locais como o Mosteiro dos Jerónimos, Igreja de São Roque ou o Centro Cultural de Belém.

No ano de 2019, João obteve a bolsa de mérito da Interkultur por “Outstanding Conducting Achievements” e teve a oportunidade de trabalhar na Alemanha com André Van der Merwe e Romāns Vanags, e dirigir o Rundfunk-Jugendchor Wernigerode. Em 2023 fez parte do painel de jurados da competição de coros da Interkultur “Lisbon Sings”, na Aula Magna.

Em 2022 assumiu a direção artística do Mosteiro dos Jerónimos. É o Diretor Artístico da Lisbon Choral Conducting Masterclass.

Próximos espetáculos

Banda Sinfónica de Alcobça

Rui Carreira, *direção musical* · Ana Telles, *piano*

Orgulho Português

27/07 · sáb · 21h30

Cine-teatro de Alcobça – João D'Oliva Monteiro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€*

Duo AnimArpa

Beatriz Cortesão e Carolina Coimbra, *harpas*

Eterno Feminino

28/07 · dom · 18h00

Montebelo Mosteiro de Alcobça Historic
Hotel · Salão da Biblioteca

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€*

Apoio:



VISTA ALEGRE
1824

Parceria:



MONTEBELO
HOTELS & RESORTS

Ensemble Cisternúsica Sacra

Jonathan Ayerst, *direção musical*

Jesu meine Freude e Motetes Penitenciais

31/07 · qua · 21h30

Igreja Paroquial de São Martinho do Porto

Entrada livre mediante reserva de bilhete

Apoio: Paróquia de São Martinho do Porto e Junta de Freguesia de
São Martinho do Porto

Trio Pangea

Homenagem Lusitana a Gabriel Fauré

01/08 · qui · 21h30

Museu do Vinho · Adega dos Balseiros

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

Alis Ubbo Ensemble

Em Órbita

02/08 · sex · 21h30

Mosteiro de Alcobça · Celeiro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

10.^a de Shostakovich

Alto Minho Youth Orchestra

Nuno Coelho, *direção musical*

Concerto de Encerramento

03/08 · sáb · 21h30

Mosteiro de Alcobça · Cerca

Preço: 15€ · Preço com desconto: 13€